

BARCELLOS, 27 de novembro de 1898.

VII Anno

Typographia Barcellense

# A Lagrima

Numero 9

Redacção: Barjona de Freitas

QUINZENARIO ILLUSTRADO

Editor: José F. da Silva

## NOTAS DA QUINZENA

O sr. Domingos de Figueiredo, como homem da Associação Commercial, chamou a si, sobre a casa do Banco de Barcellos, os habitantes da villa, para accordarem na maneira de fazer estremecer em Lisboa o governo e as guardas municipaes; isto por causa da criação da comarca de Espozende.

A concorrência foi d'estas de enterro de gente pobre.

O sr. João Mathias propoz que se creasse em Barcellos um Lyceu, e a nossa terra ficaria lavada de pés e mãos.

Quando o sr. presidente disse que passassem para a esquerda as pessoas que aprovassem tal proposta, fez-se na sala uma evolução confusa de baile de pepino, por elle não declarar qual esquerda era, se a sua, se a do publico.

Foi então que uma voz gritára: *grand confusion.*

Postos os pontos nos ii, o José Mathias, em cima d'uma cadeira, fez saber que estava neutro, por causa do sr. seu mano.

O contramesse e da muzica dos Voluntarios esteve na condição de dar apoiados a todas as fallas, n'um patriotismo fervente.

Nunca nos esquece aquilo de um individuo se enthusiasmar com a leitura d'um artigo de polemica, que apoiava, dizendo:

—«Isto é que é dar-lhe! Mette-te com elle!» e depois lia, no mesmo, as transcripções do antagonista, e com egual calor repetia as phrases: «Isto é que é dar-lhe. Mette-te com elle!»

Emfim, todos tiveram boas intenções...

Quando o sr. Antonio de Azevedo fez menção de como teve conhecimento de se ter creado a comarca de Espozende e disse: «Procurou-me o meu cunhado...» todos esperavam que elle fosse portador de revulsivos energicos para os ministros do deoreto, e não de jornaes com telegrammas.

O sr. Albino foi o mais sincero; e quiz, n'um supremo esforço de glotis, que o rei voltasse para traz com a sua assignatura.

...O melhor, sob o ponto de vista da pandega, porque os d'Espozende ficavam encavados por terem gasto muito dinheiro em foguetes e em muzicas.

De resto o sr. <sup>\*</sup>gueiredo, perdôe-nos a franqueza, não tem arte de fazer reuniões.

Um homem, de quem Barcellos hoje se não lembra muito, e ali na extincta Jardineira batia nos toneis e fazendo gestos comicos, para os freguezes, expressivos da boa qualidade do seu conteúdo, que era ar, sabia muito bem conseguir ajuntamentos de publico, como será incapaz outro, na nossa terra.

As reuniões não eram a secco; vinha para debaixo da meza da presidencia o pichel do tinto, pedido... por patriotismo a uma adegã farta.

Uma malga era mettida dentro, de vez em quando, e, cheia, corria os labios de varios individuos, para novamente ser cheia e tornar ao vae-vem.

Os corpos aqueciam e o enthusiasmo tomava ares triumphantes.

Foi na questão ingleza.

Os gritos eram então muitos e subversivos.

Estremecia a casa toda e a visinhança não dormia.

O sr. dr. Rodrigo Velloso dava casca com a historia e consta-nos mesmo que esteve para accrescentar á sua embirra de foguetes esta de não gostar de reuniões feitas pelo homem da Jardineira.

Mas o homem da Jardineira não animava as massas com vinho, só, mas tambem com muzicatas, que organisava.

Uma orchestral...

Lembra-nos bem que o Eiras, alfayate, hoje no Brazil, fizera então exercicios de oratoria, e se não fosse uma pessoa, já fallecida, salvá-o, parece-nos que o homem não voltava a trabalhar com a agulha, cheio do exito, como até ali.

; E o Antonio Gonçalves?

Que força de gestos! Que de palavras, cadenciadas como pendula de relógio de torre!

Bons tempos, sr. Figueiredo.

Tempos anteriores, no entanto, áquelles em que escreviamos isto sobre vossa senhoria e seus partidarios, na «Lagrima» de 4 de dezembro de 1897.

Vae como presente ás fracas memorias de Barcellos:

«Contra a projectada comarca de Espozende—

## A LAGRIMA

á luz amarelenta de archotes—sobresabiu na Penultima segunda-feira a frase quente de fofos oradores, com lyrismos á João de Deus e Songorismos á Bluteau...

Teve, pelas janellas e sacadas, o realce da couve gallega em cima de umrôlo de manteiga.

Patriotismo declamado... E palmeado...

No meio de todas as declamações entusiastas de discursos preparados atraz dos resposteiros, houve o destaque—para os ingenuos—do patriotismo, imposto sobre as massas, de os srs. dr. José Ramos, Domingos de Figueiredo e Antonio Azevedo abandonarem o partid' progressista, caso se erie a comarca em Espozende...

Haviam de fazel-o, necessariamente, se fossem varridos pela descousideração do sr. José Luciano.

¿Para que vieram, pois, *junotear* esse sentimento aos barcellenses?

Tal *abstenção* seria, diante da *realidade*, a cebada ao rabo da morta *integridade*...

O patriotistismo é como a honra, impõe-se por si mesmo. Silenciosamente.

O que Barcellos precisa de saber terminantemente é se os declamadores em questão, ao gritar: «A' unha que é dos homens», justificam o dito: «O' pernas para que te quero...»

Mas tem graça: tres individuos terem a mesma lembrança...

*Tres*—é como quem diz: «Mundo, diabo e carne.»

N'um restaurant da terra—com propretario portuense, e como tal especialista em *tripas*—uma sucia fazia as delicias do paladar pedindo e comendo varias ignuarias.

Apesar dos estomagos já cheios demasiado, um da *troupe* quer ainda *rin*, ao que se associa o Praina, abrindo extraordinariamente a bocca e lambendo-se de contentamento.

Ao chegar á meza o prato pedido, o Praina que, pouco antes, se ria por dentro e por fora, teve um gesto e um sorriso de desalento... pois julgava que o *rin* em vez de carne era uma qualidade de dôce assim como crême.

Qualquer dia come gato por lebre...

O Silva perguntára a um estudante—em ferias—quantos dias trazia de *sueco*.

O Juca é um aspirante a ourives e talvez a *contraste* se as coisas da politica, opportunamente, estiveram de feição.

Um d'estes dias estava elle a soprar á cachaccira do nosso amigo Barroso, o qual, voltando-se, lhe diz:

—«¿Que diabo de bufada é essa?...»

—«E' que elle, responde o João dos Prefos, suppõe que está ao massarico?...»

Alguns parceiros tinham abandonado a meza' aonde corria antes um entusiasmo de jantar fidalgo e farto, e conversavam sobre uma diversidade de assumptos, n'uma casa importante do nosso concelho.

O doutor X., apaixonado pela agricultura, divagava, verboso, sobre as utilidades de diversos utensilios da lavoura, ainda em pouco uso.

—«...Ahi tem os srs. a nitreira que é uma cousa hoje inlispesavel...»

Um reverendo parafusou com a historia e não se teve que não perguntasse:

—«O' sr. dr.: a nitreira é alguma machina?»  
Por este podia alguem assignar a rogo...

Bilhete encontrado n'uma carruagem de caminho de ferro:

«José Antonio de Araujo Junior e sua esposa Viuva Araujo Fazendas armações. Veste virgens e anjos para procições officina de armador.»

Que embroglio de grammatica.

O João Oliveira sabendo, por experiencia de muitos annos, que a cerveja nacional não presta e a estrangeira é muito cara, resolveu vender no seu estabelecimento uma outra bebida que refresca de verão e aquece de inverno—o vinho verde!

Como a variedade deleita, elle tem varios typos de rascante, como:—de Basto, de Monção, de Tibães, de Barcellos e d'Amarante, e que fornece ao publico escrupulosamente puro e exageradamente barato.

Todos são especialidade, mas o de Amarante—de fabrico do viticultor Gaviçeira de Souza—é uma delicia.

Elle possui na bondade algo do de Bucellas e do Collares.

Tem muito corpo.

E' bastante alcoolico.

O aroma é delicioso.

O paladar é soberbo.

Provar para crêr!...

O regedor de Barcellinhos consta-nos ser boa pessoa.

Pacato, um tudo nada philosopho (isto sem offensa).

Aqui ha coisas de dias morreu-lhe uma parenta, da mesma freguezia.

Para consolar o viuvo e mais familia, recebeu 80 réis da guia d'obito.

Diz-nos agora o Silva, que, á semilhança do Silva Pinto, é o nosso Demosthenes:

—«Ora ahi está uma boa maneira de dar pezames.»



## O Gallinha

A «Lagrima», archiva hoje, com a photogravura do Gallinha, um dos typos pinturescos do Barcellos que declinou para a morte.

Serviçal do nosso amigo sr. Anselmo da Costa Leite, foi um fiel de sua casa.

A sua vida está repassada de passagens proprias para serem perduradas aqui.

Vamos nomeal-as, para que o retrato não vá desamparado.

O sr. Manuel Francisco da Silva tinha um gato muito *ladrão* e quiz desfazer-se d'elle, sem ser por meio da morte.

Foi encumbido o nosso retratado de o deitar a monte.

N'esse sentido Gallinha metteu-o n'um sacco e a caminho do seu destino encontrou, o tambem fallecido, sr. Manuel de Souza, a quem perguntou se *advinhava* o que tinha o saquitel, aonde o gato *mia* a desesperadamente, aspirando liberdade.

O sr. Souza riu-se a bom rir, por saber que a surdez compromettera o espirito do Gallinha, e conseguiu, sabendo da sua animadversão á raça felina, que o fosse matar a tiro.

Preso o gato n'um espeque, no Campo da Feira, metteu nas mãos do nosso homem uma espingarda e em vez d'um tiro carregado, aproveitando-se do seu defeito physico, collocou-lhe unicamente um fulminante na espoleta.

O bicho dava pulo de corça, o que impressionava o Gallinha, levando a ponto de dizer: «Está quieto, *até*...»

Como o animal não se aplacasse ás suas palavras, disparou o... fulminante!...

Conhecendo o logro, desejou partir a espingarda.

Outra occasião não quiz matar um gato, mas um homem...

O frequentador da casa do sr. Anselmo, sr. Matheus Zeferino, costumava dar, com o peso das suas mãos, palmas fortes nas costas do Gallinha, o qual por esse motivo o tomára de ponta, jurando vingar-se, pois não percebia que aquillo era um gracejo simples.

Arranjou um bacamarte e a amigos ou conhecidos dizia para que o destinava.

—«... E' para matar o Matheus, *até*...»

No momento opportuno... zás, apontou, e, é claro, só o riso—explodiu... da parte do sr. Matheus, alvejado.

Ainla mais esta.

Tinha o mouco a mania da caça.

Uma vez na companhia do já fallado sr. Manuel de Souza, um cavalheiro de finas partidas, pediu-lhe licença de matar, com a espingarda com que elle estava munido, um melro que via sobre uma parede, negro como as amoras.

Attendido, no meio das gargalhadas do fallecido commerciante, que não conhecia aclassificação do supposto *melro*, disparou a espingarda depois d'uma pontaria demorada.

Deitou immediatamente a arma ao chão e n'um pulo lançou a mão á peça da caça, que era, nada mais e nada menos, que excremento humano, seccol...

Um dia o nosso particular e íntimo amigo José Gonçalves da Silva entrára, creança, para casa do sr. Anselmo, e desconhecendo que o Gallinha era surdo perguntou-lhe a meia voz aonde se tirava a agua, por mais que uma vez.

A resposta, de incomprehensão, fôra esta:

—«Tu és tolo *até*...»

Para terminar.

Descia, uma occasião, Gallinha, o improvisado Calvario, da quaresma, no Bom Jesus da Cruz, com um judeu sobraçado; caiu com elle, por um accaso.

Não esteve com meias *fanfas*; tirou-lhe a albarda e desfel-o.

Depois, justificava o acto dizendo:

—«Empurrou-me, *até*. Botou-me abaixo. Matei-o!...»

Uma senhora viuva, de Barcellos, ven leu um porco a um visinho.

O filho d'ella viu-o, passado muito tempo, e achou-o tão grande, que não pôde furtar-se a dizer, admirado:

—«Este é o porco que *teve* minha mãe!»

Sem querermos alçar o pendão da critica severa, o que seria completamente impossivel por incompatibilidade com a nossa divisa—rindo castigad mores—não podemos, contudo, deixar passar em claro uma soberba pro-lucção poetica, estampada no «Minho», de F'amalição,

propriedade do nosso amavel collega Rodrigo Terroso, e assignala por um promettedor talento, o sr. Almeida Campos.

Como somos d'aquelles que de bom grado proclamamos justiça ao merito, apressamo-nos a transcrever, com a devida venia, já se sabe, essa monstruosissima perola litteraria.

Agua vac:

### NO RIACHO

Ao meu amigo Hygino Mendonça

Cahiu hoje ao riacho uma criança linda que andava a procurar conchitas p'la areia; e a mãe que estava ali a trabalhar na meia, a mãe velado o olhar de uma tristeza infinda

grita e deita-se á agua, e nada, não fraqueia, e sóm-se, apparece, oscilla, a esp'rança finda, espreita, cac, soluça, lucha e lucha ainda e surge á flôr da agua, ao longo olhar d'aldeia,

A nadar com o filho, allucina-la, absorta, porque trazia ao collo uma criança mortal Poucas horas depois, o padre, um velho anciao,

arremessando o infante a cova humida e fria «teu filho está no céo, pobre mulher!» dizia: «Não padre, volve a mãe, tenho-o no coração!

Alberto Campos.

Ora, como os nossos ricos leitores viram, aquilo é uma historia muito triste.

Um riach'io, como toda a gente percebe, é um rio muito funlo e muito grande, com muitos areas que a maré enche de conchinhas!...

A criancinha (tadinhal) escorregou e cahiu, apesar de que escorregar não é cahir.

A mãe, já se vê, estava a fazer meia é o costume—mas embrulhou se no novéllo e já foi tarde o seu pouco.

Em tolo o caso depois de ter nadado alguns kilometros (pouco mais ou menos metade da largura do riach'io) afundou, é claro, e trouxe o néné p'r'arriba.

Como não tinha mamado ao almoço, bebeu bastante agua e... mau!... morreu.

Ora isto é de fazer chorar as pedras!

Parabens ao neophito, pela sua assombrosa esguichadela poetica.

A «Historia de Portugal», traducção de Manuel Pinheiro Chagas, continua a assignar-se ao nosso activo sãomartinhense Manuel Faria.

Com 60 réis por semana, fidalgos e plebeus podem possuir uma obra bem justa de classificar-se monumento nacional.

Roque Gameiro completa n'ella bem, em gravura, o trabalho do fallecido escriptor.

Alta noite. Sem ser na mansão da morte, mas sim na rua de Traz das Freiras, e na noite de 17 para 18 do corrente.

De repente um baralho dos diabos. Uns:

—«É' um pedaço de céu velho».

Oitros:

—«É' o cão ou cadella do Portella!»

«Nem néda», como diria o Caganêta insigne, mas antes pelo contrario.

Vamos lá. Era um suinito roubado ao fisco a ser chamsucado, e do tamanho d'um rato, diznos o informador.

Todavia, apesar de miúdo não faltaram convivas á petisqueira. A muzica do Patricio, regida pelo aereditado alquilador Seraphim, que de rebecca em punho, batuteava com toda a gana!...

Ao café, foi nomeada uma commissão, a qual foi encarregada de levar ao nosso amigo Silva o «rojão do carr».

Consta-nos que o nosso amigo a recebeu amavelmente dirigindo lhe termos encomiosos.

A sr.<sup>a</sup> D. Julia Roger Rubandona teu, diz a «Folha da Manhã», falleceu na visinha nação, sendo a sua morte muito geralmente sentida.

«Todos os periodicos francezes e hespanhoes trazem muitas referencias a essa senhora, enaltecendo e as suas virtudes.

«Enviámos os nossos pezames».

Nós até achamos muito natural que a «Folha» acompanhe o movimento dos jornaes estrangeiros.

Nos que comprarem

Felicidade!

artões, a 200, 300, 360 e 400, o cento.  
Enveloppes, a 13400 o milheiro.  
Impressos para confrarias e juntas.  
Para escriptaes, taballiges e parochos.  
Facturas formosas (sem papel):  
Em 1/2 folha a 25000 e em 4.<sup>o</sup> a 1400.  
Tudo perfeito e tudo barato!

Typographia Barcellense

